

veneno na terra. E afirmaram que precisam mapear outras famílias que já não “são cegas”, ou seja, não usam agrotóxico, para que se unam ao movimento agroecológico da comunidade. Uma das agricultoras lembrou um texto de Rubem Alves, em que ele fala da importância de educar o olhar e ela nos contou que antes achava feio um quintal cheio de folhas secas e matéria orgânica cobrindo o solo, achava que o belo era varrer tudo. Porém, foi educando seu olhar para compreender que não é saudável para o solo ficar exposto e que ele precisa ficar coberto. Agora, acha bonito ver o quintal e os canteiros cobertos.



Roda de conversa. “Somos gente nova vivendo a união, somos povo semente de uma nova nação ê, ê”. Trecho da música “Baião das Comunidades”, de Zé Vicente, cantada na roda.

O encontro culminou com uma mesa de partilha, para a qual os vizinhos levaram alimentos agroecológicos típicos da região. Esta é uma atividade muito importante, já que fortalece os vínculos entre todos os participantes do grupo de trabalho e dos grupos de reflexão. Além do grupo de reflexão, há também na

comunidade grupos que surgiram por iniciativa das mulheres como o grupo de yoga, de plantas medicinais, roda dos sonhos, capoeira, etc.

Há ainda alguns desafios a serem vencidos, como a dependência de atravessadores para a comercialização do café. A COOPERDOM foi organizada para facilitar a comercialização. Há também a dependência de alguns insumos externos como o calcário e os adubos químicos. Precisa-se fortalecer ainda mais as organizações do município e buscar outras articulações em redes para superação desses desafios.

A experiência do casal inspira muito pelo companheirismo e amor entre eles, com a natureza e com a comunidade. A experiência deles serve como exemplo e incentivo para que outros continuem lutando para ter o próprio pedaço de chão para viver com qualidade, plantando o que quiserem, disseminando a agroecologia e assim construindo pouco a pouco um mundo mais justo, mais sustentável e belo.

Material produzido a partir do Projeto Comboio de Agroecologia do Sudeste (edital 81/2013 MCTI/ MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq), a Rede de Núcleos de Agroecologia do Sudeste, que ocorreu no município de Divino. O grupo com integrantes de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro foi recebido na casa de Luciana e Gilberto por três dias. Aqui nosso agradecimento e carinho.

REALIZAÇÃO:

Comboio de Agroecologia do Sudeste e ECOAr (Edital 81/2013)
Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (Sintraf) de Divino/MG.

Autores: Roberta, Eduardo, Fernando, Alessandra, Juliana, Poliane, Gabriela, Clara.

Revisão: Irene Maria Cardoso, Rafael Mauri e Ramon da Silva Teixeira.

Fotografia: Eduardo Javier Pesántez Valdivieso - **Ilustrações decorativas:** <http://br.freepik.com/>

Arte gráfica e diagramação: Rodrigo da Silva Teixeira

APOIO:



A AGROECOLOGIA MUDOU MEU JEITO DE VER O MUNDO - A HISTÓRIA DO CASAL LUCIANA E GILBERTO

Nº 33 - Junho de 2016

Luciana e Gilberto são um jovem casal que optou por permanecer no campo e produzir de forma agroecológica. A propriedade dos dois está localizada na comunidade da Vargem Grande de Baixo, em Divino/MG. A propriedade foi construída em 2010, de forma coletiva, por meio da Política Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), um programa de aquisição de terras do Governo Federal. Sete agricultores participaram do projeto. Esses agricultores já moravam e trabalhavam na região como meeiros. Todos eles plantam sem o uso de agrotóxicos, de forma agroecológica.



O casal, Luciana e Gilberto

dou sua forma de lidar com a terra e também o ajudou a valorizar sua identidade camponesa. Essa valorização começou a acontecer a partir de seu contato com PJR. “A primeira vez que eu fui, eu voltei querendo fazer a maior revolução”. A PJR trabalhou o orgulho de ser da roça, de serem produtores de alimento e a compreensão de que na roça também há qualidade de vida.

Luciana conheceu a agroecologia quando começou a namorar Gilberto e nos contou que muitas coisas mudaram em sua vida a partir de então: sua relação

com a terra, com as pessoas, a participação nos movimentos sociais e nas associações, ampliando sua inserção na vida comunitária. “Eu não sei expressar muito o que sinto, mas eu só consigo dizer que foi maravilhoso, que mudou completamente meu jeito de ver o mundo”.

A família de Gilberto sempre foi ligada a movimentos sindicais, seu pai, segundo ele, é um homem muito crítico e nunca foi adepto dos agrotóxicos. Segundo Luciana, seu pai também não gostava, às vezes acabava usando por muita insistência dos técnicos que apareciam por lá.

A casa onde o casal mora foi adquirida a partir do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), do Governo Federal. No município, este programa é organizado pela Associação Regional da Zona da Mata. A Associação Regional está implantando

Gilberto conta que a agroecologia mu-





O biodigestor foi construído em sistema de mutirão.

na região um projeto piloto de biodigestor, que é uma tecnologia social que gera o gás de cozinha a partir do esterco animal. Um dos biodigestores foi implantado na casa de Gilberto e Luciana e agora, a partir do funcionamento do biodigestor, o casal já não depende mais da compra de gás de cozinha. Segundo Gilberto, com um investimento de aproximadamente R\$3.000,00, esta tecnologia simples pode ser instalada em qualquer propriedade, e alguns agricultores do sindicato já têm sido beneficiados com a produção de gás com biodigestores.

O biodigestor foi construído em sistema de mutirão, com muita participação comunitária. Segundo eles, “O dia de fazer o biodigestor foi igual a uma festa!”.

A lavoura de café de Luciana e Gilberto é consorciada com árvores, ou seja, é um SAF (Sistema Agroflorestal). No cafezal há



Mapa da Horta

bananeiras, capoeira branca, abacate, cedro, papagaio e outras árvores. Além disto, há também outras plantas comestíveis como a mandioca. Gilberto destacou seu carinho pelo trabalho com as bananeiras. Chama a atenção a grande quantidade das mesmas no SAF. Gilberto não capina o cafezal, apenas roça, o que garante um solo sempre coberto e protegido do sol e do impacto das gotas da chuva.

A presença das árvores e o manejo do mato no cafezal contribuem para que o solo da propriedade seja saudável. Com o solo saudável Gilberto precisa comprar menos adubo químico, o que ajuda na renda, pois é menos dinheiro que sai.

Na propriedade há também uma área de pasto dedicada à criação de gado. Esta é inclusive uma área coletiva, que pertence aos sete agricultores que fizeram a compra das terras. Além do pasto, o gado é alimentado com recursos provenientes da propriedade, como por exemplo as plantas que são com recursos provenientes da propriedade, como por exemplo as plantas que são consorciadas com o café. Uma das plantas que é utilizada na alimentação do gado é a bananeira. O esterco do gado é utilizado para o funcionamento do biodigestor, o gás do biodigestor é utilizado no fogo e o esterco, após passar pelo biodigestor, é utilizado como adubo orgânico!

Há uma grande diversidade na propriedade. O quintal também é agroflorestal. Há muitas árvores frutíferas consorciadas com flores e verduras. A diversidade de plantas é uma característica das propriedades agroecológicas e é muito

importante para a soberania alimentar, pois a família pode suprir em maior parte suas necessidades alimentares, ficando mais autônoma em relação a compras externas. Da mesma forma, o grande número e variedade de espécies são fundamentais para a sustentabilidade dos sistemas porque mantém a diversidade genética das plantas, tanto domésticas como silvestres, imitando as condições de equilíbrio da natureza. Tal agrobiodiversidade ajuda na melhoria das condições físicas e químicas do solo, aumentando a vida e melhorando a sua estrutura; ajuda no controle biológico, atraindo mais polinizadores e inimigos naturais, equilibrando o sistema e tornando-o mais saudável; gera vários serviços ambientais, ao preservar a água, as árvores e os animais silvestres, tornando o sistema mais equilibrado e com capacidade de reagir a perturbações ambientais. Na propriedade encontra-se amora, acerola, pitanga, mamão, laranja, abacaxi, banana, maracujá, abacate, jambo, romã, batata peruana, batata doce, inhame, cará, vinagreira, capuchinha, feijão, milho, amendoim, mamona, embaúba, cedro, trapoeraba, capoeira branca, ipê, canela, araucária, entre outras. Muitas destas plantas são consideradas “Plantas Alimentícias Não-Convencionais”, isto porque é desconhecida por muitos. Uma delas é a taboa. A taboa encontra-se presente em grande quantidade na propriedade, mas o casal não sabia que pode se alimentar da taboa. Dela se tira o palmito e o pólen.



Um pouco da biodiversidade ao redor da casa do casal, característica intrínseca da agroecologia.

É de chamar a atenção a dedicação de Gilberto e Luciana ao trabalho comunitário. Várias vezes Gilberto mencionou que trabalha menos do que queria em sua propriedade, pois participa de diversas atividades na comunidade, no Sindicato, nas associações e nas pastorais. Eles participam de encontros e cursos de formação buscando atrair outros agricultores convencionais para que se integrem ao movimento agroecológico na região. Consideram que esta participação é importante, pois além de reforçar laços de solidariedade e propiciar a troca de saberes, possibilita a articulação coletiva para ações políticas que trazem conquistas para a comunidade, como o acesso legal à terra, a venda coletiva dos produtos agrícolas, acesso a créditos, entre outras.



Visita do grupo do Comboio agroecológico à propriedade de Luciana e Gilberto.

Durante a visita do Comboio de Agroecologia à família foi possível participar de uma plenária das CEBs. A plenária é um encontro mensal dos diversos grupos de reflexões da comunidade. Diversos vizinhos reuniram-se na casa do casal para ler a Bíblia e discutir o que foi lido, relacionando com a realidade que vivem no campo. Sentados em roda, cada um teve a oportunidade de se expressar e depois cantaram músicas religiosas, que também falavam da vida no campo e dos problemas sociais.

A leitura do dia falava de um cego que foi curado e voltou a enxergar. Os agricultores relacionaram a cegueira ao egoísmo, ao uso dos agrotóxicos que envenenam a terra, à falta de cuidado com o meio ambiente. Nesse sentido, voltar a enxergar para eles simbolizava passar a lidar com a terra de uma forma agroecológica, valorizando a sabedoria da natureza. Deram o exemplo de vizinhos que “estão cegos”, porque vão à Igreja, escutam o evangelho, mas depois jogam